

Apresentação “Massas, Multidões, Mídia”

Giuseppe Cocco

O dossiê <<Massas, Multidões, Mídia>> não poderia ser mais atual e adequado diante dos conflitos e controvérsias que atravessam a crise do capitalismo global. Desde 2007, a economia mundial é atravessada por um terremoto da mesma magnitude da grande depressão de 1929. À medida que governos de “esquerda” e de “direita” se dobram, um após o outro, aos mandamentos do mercado e de suas agências de *rating*, passando a destruir o que sobrou do sistema de proteção social nas economias avançadas (e particularmente na Europa), o horizonte de alternativas possíveis é desenhado por movimentos de tipo novo: as revoluções árabes (na Tunísia e no Egito), o 15 M espanhol e o movimento Occupy nos Estados Unidos e também no Brasil, embora em menor medida. Na praça Tahrir, na Puerta del Sol, e em Wall Street, as mobilizações foram protagonizadas, entre as redes e as ruas, por um sujeito social que dificilmente se encaixa nas tradicionais definições de classe ou de “massa”. Se tratou – e ainda se trata – de movimentos compostos de uma multiplicidade de singularidades capazes de levar às ruas e praças as formas de cooperação experimentadas nas redes e, no mesmo movimento, confirmar e aprofundar a crítica dos grandes meios de comunicação de massa. O conceito de “multidão”, como conjunto de singularidades que cooperam entre si mantendo-se tais, pareceu extremamente adequado e pioneiro diante desse ciclo de movimentos.

Ao mesmo tempo, as revoluções árabes já foram normalizadas pela representação religiosa das massas. O 15 M espanhol não está conseguindo enfrentar o quebra-cabeça da relação entre expressão e representação. O movimento *occupy* também foi esgotando sua força na repetição da ação direta que não conseguiu articular-se e multiplicar-se socialmente. Mais em geral, o controle social parece ainda conseguir modular-se dentro da nova composição social por meio da modulação corporativa do que “sobra” da antiga composição de “classe” do trabalho. Diante disso, na América do Sul, estamos – por enquanto – em um ciclo diferente, de mobilidade social ascendente: fala-se, por um lado, da transformação dos pobres em uma “nova classe média” e, pelo outro, do “populismo” dos governos progressistas. Aqui também o debate sobre nova composição social é estratégico e os materiais aqui propostos representam contribuições diversas para essas urgentes reflexões.

O primeiro material é a transcrição de uma conversa entre *Antonio Negri*, o filósofo italiano que está na base da recuperação contemporânea do conceito espinozista de Multidão, com os estudantes chilenos (em outubro de 2011). O debate não é abstrato, mas totalmente interno à prática das lutas e das lutas na América do Sul. No segundo artigo também nos encontramos num debate sobre multidão a partir de um ponto de vista do Sul e mais particularmente de como os pobres (os “sem”) são capazes de uma outra comunicação

(o “Cordel). É da carne da multidão dos pobres que nos fala *Barbara Szaniecki*. A partir de uma crítica do tratamento midiático das revoluções árabes, *Rodrigo Guéron* desenvolve uma reflexão sobre o mito iluminista de democracia como real ameaça à ... democracia. A política da multidão necessariamente implica numa crítica da racionalidade ocidental e de sua transcendência. Alexandre Mendes introduz o tema da esfera política e mais precisamente o debate sobre o comum. Ele propõe uma reflexão sobre as formas de organização da multidão e, pois, sobre os conceitos de comunidade e de comum. Como pensar, com e além de Jean-Luc Nancy, a constituição do comum por parte daqueles que sem definem como sendo “sem comunidade”? *Bruno Cava* se concentra na análise dos movimentos árabes, do 15 M, do *occupy* para pensar a ontologia comunista que eles desenham, num conflito que os opõe a um capital que separa o trabalho de tudo que ele pode. *Sandro Mezzadra* fala da multidão na perspectiva dos migrantes com uma abordagem inovadora e fundamental que é aquela da “autonomia” das migrações. É ao longo dessa linha que ele estabelece um diálogo entre a teoria da multidão e os estudos pós-coloniais. Por fim, o artigo de *William Mazzarella* propõe uma crítica do conceito negriano de multidão por não conseguir evitar o impasse ao qual levaria a incapacidade de pensar as mediações social na produção do comum dentro e fora do capital. É a relação entre multidão e massas (crowd) que o sonho de uma imanência imaculada deve ser ultrapassado.